528

Collecção de papeis varios.
Copia moderna.—1 vol. in 4.° de 20 fl., cart. (B. 8—41) 528

Relação do milagroso e felice levantamento de El-Rey Nosso Senhor D. João 4.° de Portugal.
Copia moderna.—A fl. 1. (B. 8—41) 528

Pio VII. Protesto feito em nome de Pio VII contra toda e qualquer occupação dos dominios pontificios pelas tropas francezas. Palacio Quirinal, 2 de fevereiro de 1808. (a.) Cardeal Casoni, secretario d'estado.
Copia moderna.—A fl. 12. (B. 8—41) 528

Invasão franceza. Falla que fez o Juiz do Povo perante o Congresso, sobre a eleição de um rei ou regente para Portugal, depois de invadido o reino pelos francezes. (1808.)
Copia moderna.—A fl. 13 (B. 8—41) 528

Salter de Mendonça *João Antonio*— Papel que se diz fora dirigido a Bonaparte contra a invasão de Portugal pelos francezes. (1808.)
Copia moderna.—A fl. 16. (B. 8—41) 528

Salter de Mendonça *João Antonio*—Requerimento de D. Maria Rita de Gouvêa Araujo Lobato, pedindo a Junot, mande soltar seu marido Bernardino José de Sousa Lobato, preso no Castello de S. Jorge. (1808.)
Copia moderna.—A fl. 20. (B. 8—41) 528

X.

College

528

Collecção de papeis varios

Relação do milagroso e felice levantamento de El Rey nosso Senhor D. João 4.º de Portugal.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

No tempo, que o Senhor Duque de Bragança que D.s guarde esteve em Almada por mandado d'El Rey de Castella, quando era de Portugal, e veio a este passo ver se com a Princeza, ouve entre os criados do Duque, e huns Castelhanos, razões sobre a cadeira do Duque, e asi deste succésso, como tambem da consideração, que alguns fidalgos da devoção do Duque tiverão sobre o modo com que de Madrid apontavão com o Duque em o quererem manacear, foi crecendo o zello do respeito, que se devia á Caza, hum tal orgulho no animo de alguns fidalgos, que vindo-se a communicar huns com os outros, se forão animando de maneira, que entrarão em pensamentos de levantarem ao Duque por Rey: e como as cousas encaminhadas por D.s e decretadas em seu tribunal, tem sempre fe-

felicissimos effeitos, forão-se augmentando sempre os motivos que podião encaminhar, e esforçar os corações dos homens à conseguir tão nobre e honrada determinação; porque succedeo logo o alevantamento do Condado de Catalunha, e o aperto que de Castella se fazia aos fidalgos, e Cavalheiros deste Reino, para que acudissem a Madrid, para acompanhar a ElRey Philippe; a descortezia com que o Secretario Miguel de Vasconcellos lhe punha o dedo na testa para os fazer hir, e juntam.te o aperto que se fazia á pessoa do Duque, para que fosse tambem á guerra de Catalunha: todas estas circunstancias forão commovendo o animo de alguns fidalgos da maneira que vierão a ajuntar-se doze por espaço de alguns mezes, e fazendo conselho forão dispondo as cousas. Dos quaes, dizem, que forão os primeiros Dom Francisco de Faro, Thomé de Souza, Dom Gastão Coutinho, Dom Miguel de Almeida, Dom Antão de Almada, Dom João da Costa &c. forão-se estes fidalgos descobrindo a outros, e pouco a pouco ad-

adquirindo muita gente, e como huma das pessoas a que se commonicarão foi o Arcebispo de Lisboa que fomentou muito esta materia, esforçarão-se todos a por em execução a empreza, que muito d'antes havião communicado ao mesmo Duque, e tendo-se compromettidos todos, acentárão, que a facção tivesse principio o primeiro dia de Dezembro nesta forma.

Sabbado 1.º de Dezembro de 1640.

Ás 6 horas da manhãa, e ainda antes se começarão a ajuntar muitos fidalgos no Terreiro do Paço junto ás escadas delle, vindo os Coches cheios, e voltando a buscar mais, até que fizerão o numero que tinhão assentado: Neste tempo subio para sima hum Desembargador do Civel, a que chamavão Francisco Soares de Albergaria, que hia fallar ao Secretario Miguel de Vasconcellos; e quando entrou no seu quarto, e lhe fallou lhe disse. Vi ali tantos Fidalgos juntos, que me parece, que algum requerimento digo, que algum grande requerimento tem elles a fazer

a=

a S. Mag.ᵉ sobre a jornada de Catalunha; Respon-
deo Miguel de Vasconcellos, que dizem estava a-
vizado, e o não quiz crer, maior couza me parece a
mim essa, que requerem, bom será encommendar
a Deos. Juntos todos os Fidalgos que se aguarda-
vão, subirão a sala dos Soldados de rondas armadas
todos, e cheios de pistolas, e tanto que Dom Gastão
Coutinho deu o ponto, que tinhão assentado, que
foi disparar huma pistola, se apartárão dous
bandos. Hum entrou pelo corredor da baran-
da que vai para Miguel de Vasconcellos, e achan-
do as portas fechadas as querião abrir com ma-
chadas, ao que Antonio Correa, Official maior da
Secretaria acudio abrindo as, e perguntando o que
querião, derão logo com huma faca huma fe-
rida pela cara, e continuárão com outras deixan-
do-o mal ferido, e indo entrando mais dentro, sa-
hio o Dezembargador Francisco Soares de Alver-
garia, dizendo, tenhão se da parte d'ElRey, e
o matárão logo, entrando mais dentro, o Secre-
tario se tinha mettido em hum Almario, e por-

e por hum buraco delle disparou huma pistola, e foi milagre não matar a Dom Gastão, chegou então a elle Dom Antonio. Tello abrindo o Almario, e com huma faca o matou, dando-lhe pela garganta, á lem de outras muitas punhaladas, e facadas que lhe derão por mais se satisfazerem da sede que levavão, e então o lançárão por aquella janela baixa do forte, que está mais junto á esquina que está pegada á estacada da guarda dos Castelhanos, que olha para a Alfandega. + Aires de Saldanha começou a lançar toda a prata de serviço pela janela, á gente do povo, e o mais que estava em caza, dizendo isto que se havia furtado ao povo, torne para o povo, e façamos-lhe restituição e assi levarão tudo que foi grande quantidade de riqueza, e dizem que hum pobre estudante levou hum escritorio pequeno cheio de pedraria, que valia mais de dez mil cruzados. O outro bando de Fidalgos remettêo logo as alabardas dos Todescos da Guarda, e dous, ou trez Todescos que quizerão resistir morrerão logo; todos os mais fugindo, dezam-

dezamparárão a Sála, forão os Fidalgos subindo
a onde estava a Princeza appellidando por Rei
ao Duque de Bragança; ella quando vio esta
acção, e as véras deste negocio disse: Esto és de
Portuguezes? dispozão lhe que calasse, que aquillo
era o que muito tempo ha, ellas avião de fazer, e
ter feito; Respondeo ella, todo isto son disposi-
ones del Cielo.

Sairão logo a maior parte dos Fidalgos pela
Cidade, sendo ja nove horas, com grandes vozes
gritando com a miudada repetição, Viva o Du-
que de Bragança Rei de Portugal, e foi tão gran-
de a novidade, tal o terror em todos, que em hum
momento se fechárão todas as portas das Cazas em-
toda a Cidade, e chegando a gente ás janellas, os
que hião pelas ruas aplaudindo o Duque, lhes
fazião dizer, Viva o Duque de Bragança: e
como a pessoa do Duque que se lhe propunha
era Portuguez, e o dezejo em todos, muito gran-
de de se verem livres da tirania do Governo, fin-
tas, e oppressões, que padecião, o mesmo foi a-

aclamar-se o Duque, que brotarem pelas bocas os
corações de todos feitos vozes de contentamento, di-
zendo, Viva o Duque, Viva o Duque, nosso Rey
Dom João 4º de Portugal, libertador de nosso cap-
veiro, e dentro de quatro horas fizou assentado em
todos os animos o Duque por Rey, com tão geral
aplauzo, e alegria, que não pode deixar de ser is-
to movido pelos braços de Dº que vai começando a dar
execução aquella santa promessa que fez ao primei-
ro Rey Portuguez, que poria seus olhos de misericor-
dia na linha Real, quando estivesse mais attenu-
ada. Depois de assentado isto no coração de todos,
foi toda a Fidalguia a caza do Arcebispo de Lisboa,
que acharão trancada, e fechada e querendo-lhe
arrombar as portas, o Arcebispo as mandou abrir
e por força o trouxerão mandando primeiro o Ar-
cebispo chamar o seu Cabido, que o acompanhou,
e postos todos em armas, cheios de pistolas, e espin-
gardas se forão à Camara da Cidade, que acharão
tambem fechada, e por força a fizerão abrir, e lo-
vinão o Conde de Cantanhede, presidente della,
com-

com o Arcebispo para o Paço, e ali os assentárão, e=
afizerão vir, o Arcebispo de Braga, o Inquisidor
geral, o Capellão mor, e todos os Conselheiros d'Esta-
do, que logo mandárão vir os Coroneis, e sahir as=
companhias dos terços, que pozerão de guarda
em todas as portas da Cidade, e fizerão Governado-
res, em quanto o Duque não chegava, aos dous Ar-
cebispos. Depois que pela manhã os Fidalgos
lançárão o corpo morto de Miguel de Vasconcel-
los, pela janella, os magotes, e mais pôvo lhe=
despirão hum vestido de veludo negro, que tinha,
as meias, ligas, sevrolas, e hum gibão, e o dei-
xárão só com a camiza, que tambem lhe tirarião,
se não fora por estar cheia de sangue, e o corpo to-
do nú á mostra, lhe tirárão os olhos, os que chega-
vão a vêlo, com as adagas, e servindo o desejo, q
todos tinhão de vingança, cada hum dava na-
quelle corpo morto de facadas, outros lhe alimpa-
vão a lama dos Sapatos nas barbas, outros lhe=
lançavão trapos cheios de lama em cima do Cor-
po, e no rosto, outros mostrando mais a execução
da=

da justiça divina lhe arrancarão as barbas, outros lhe davão com penedos na cara, de tal maneira q̃ que quando foi à tarde, não havia ja divizar, se aquella cabiça era de corpo humano: porque não avia feição nenhuma de rosto de homem, e só apparecia por hũa parte a caveira amassada, e por outra as pelles da cara esfiapadas; e neste opprobrio nesta miseravel figura esteve este corpo nú todo a dia, à vista de povo todo de Lisboa, lançado no Terreiro do Paço, afogando se a gente huma sobre outra, para ver aquella tremenda execução de justiça divina. O Marquez de la Puebla perguntando-lhe quem vivia, quando tambẽ de rondão lhe entrarão pela manhã em casa, e matarão o guarda portão; respondeo, que o Duque de Bragança, para livrar desta maneira a vida. D. Pedro de la Motta mayordomo de la Princeza, forão no buscar á Penha de Franca, onde avia ido em romagem por ser Sabbado, e sua mulher a levarão para a Princeza que a pedio, e toda a mais gente de sua obrigação. O=

O Castello desta Cidade fechou-se com perto de cem homens Castelhanos, que estavão dentro, e a Torre de S. Gião com perto de trezentos, postos huns e outros em defensa destas Praças. A Princeza, no mesmo quarto, em que dantes estava, ficou, e lhe pozerão em sua guarda, e do Marquez de la Puebla, que levarão para onde ella estava, a D. Gastam Coutinho, e D. Francisca de Faro, que dormirão no Paço, e o Arcebispo de Braga.

Domingo dous de Dezembro.

Ajuntarão-se os Senhores Governadores, e toda a mais Fidalguia pela manhãa no Paço dispondo as couzas, que convinhão: e a forma em que entenderão, foi mandar a Dom Gastão Coutinho q̃ tratasse de que se désse sepultura ao corpo de Miguel de Vasconcellos, a quem o povo de noute tinha cortado a cabeça, e que lançado entre as pessas de Artilharia, que na praia estavão meas cubertas de lodo, e agoa, para que a maré o levasse, e fosse tragado de-

de peixes no mar quem havia tragado a honra, e fazenda de tantos, na terra. Fizerão que o esquife da Mizericordia, em que enterrão os negros, viesse, e amortalhando-o em trez varas de brim, q custou a 9 reis a vara, o levarão á Mizericordia, e fizerão abrir huma Sepultura de Pedro Barboza seu Pay, e ali o enterrarão, assistindo a tudo isto Dom Gastão Coutinho com outros muitos Fidalgos, que o acompanhavão. Depois de feita esta diligencia forão huns poucos de Fidalgos buscar o Mestre de Campo Castelhano, que vivia a Sta Catharina, que do dia antes tinhão preso com guardas em sua caza, e o trazerão ao Paço, e ahi com os Senhors Governadores, e consentido e da Princeza, depois de muitas razões, com que o persuadirão, fez com Portaria, para que o Castello desta Cidade se entregasse, a donde foi Dom Francisco de Sua, Dom Gastão, Dom Martinho, A.º de Mello, Antonio Correa da Silva, Luis Cezar, Francisco de Mello, e outros muitos: e apresentando a Portaria ao Sargento Mór, e mais Officiaes de guerra, que estavão no Castello, logo os-

os Castelhanos o entregárão abrindo as portas, e entrá-
rão nelle doze companhias nossas de Portuguezes;
e quinhentos Castelhanos, que estavão dentro, sairão
á boca da ponte com suas armas, e marchárão até
ós almazens, onde fizerão entrega de todas as Ar-
mas, que trazião para ali as recolherem, e elles se-
levárão todas ás traseiras presos para reféns, e junta-
mente a Princeza, e os mais Castelhanos dos nossos
Portuguezes, que temos em Madrid.

Neste dia sarnão todas as companhias de Ca-
vallo correndo a Cidade, e vierão fazer alto, humas
no Rocio, outras no Terreiro do Paço, e assi tambem
as companhias do terço, e todos os Fidalgos andá-
vão a Cavallo com suas pistolas, levando diante to-
dos os lacaios com espingardas, e alabardas, e assi
todos os mais homens desta Cidade, que não são o-
brigados a companhias, trazião suas pistolas, ou
escopetas. Estavão dous Navios da Corôa de Cas-
tella, dos que havião chegado a esta Cidade denota-
dos do Brazil, hum delles logo se rendeo, e outro
esteve o dia de hontem, e hoje sem se querer render,

qui-

quizerão por-lhe o fogo, e assi se rendeo.

Segunda feira 3 de Dezembro.

Como na noite antecedente se havia dado recado, por acordo dos Senhores Governadores, e Conselheiros, que ás sette da manhãa estivessem juntos em o Paço todos os Conselheiros d'Estado, acudindo á pontualidade deste aviso, se acharão todos á mesma hora juntos na casa do Governo, que forão os Arcebispos de Braga, e Lisboa, o Inquisidor geral, o Cappellão mór, o Marquez de Gouvêa, o Bisconde, e o Conde de Cantanhede, Dom Antonio de Noronha, D. Antão de Almeida, e outros. Nesta manhãa dispoz o Conselho a hida da Princeza dos Paços da Ribeira para os de Enxobregas, onde a aprezentárão, e tem agora recolhida, e logo pela manhãa se lhe começou a passar o fato em barcas. A tarde quazi ás cinco horas saio a Princeza em huma cadeira sua negra, e foi pelo corredor alto das barandas do pa-

de Paço acompanhando a grande quantidade de Fidalgos, até á ponte da Caza da India, donde embarcou em hum bergantim com o toldo de tela encarnada, e oito remeiros vestidos de vermello, e a sua cadeira de trás, em huma fragata, e alviarão aos Paços de Enxobregas, onde lhe pozerão duas companhias de guarda, e ali mesmo pozerão o Marquez de la Puebla.

3.ª feira 4 de Dezembro.

O Castellano da Torre de S. Giaõ, como a não quiz entregar, foi Dom Gastaõ Coutinho, e Dom Joaõ da Costa com quatro canhões grossos de bater, e lhe derão de prazo treze dias para se resolver, e como se não quiz entregar, começaõ de terror a bater a Fortaleza. Da Torre fizerão chegar hum Navio, que vinha entrando, e lhe tomarão hum pouco de Trigo, que trazia, huma pipa de Vinho, e elles tinhão outra, e outra de Vinagre, e mantimento para treze dias, como se lhe acabarem a necessidade

os=

os fará entregar, á hum de que a mais da gente, e Artilheiros da Torre he gente Portugueza, e caza em Collaras, e em Cascaes; e ja o Castelhano da Torre enforcou hum Artilheiro Portuguez, porque disparou huma péfsa sem sua Ordem. Chamarão os Governadores a hum Inglez, que nesta Cidade reside ha muitos annos, a que chamão João Miles, e a hum Zaramengo, a que chamão João Alça. O Inglez para hir a Inglaterra dar avizo do estado em que ficava este Reino, e o Zaramengo para hir a Olanda, o qual segurou que dentro de dous mezes faria entrar aqui huma muito poderoza Armada de Olanda, e vão estes homẽs com avizo diante para terem dispostas as couzas, para que os Senhores, que estão para hir por Embaixadores a estas partes, achem os animos da gente daquellas Nações mais propicios a suas embaixadas, e as vontades inclinadas ao soccorro.

Reparavão-se muitas ginetas de Capitães, e muitos Fidalgos, e todos andão tão animozos, tão alegres, por se verem sem os grilhões, em que o Reino at-

até agora esteve, e tão dispostas para a defensa, e conservação; que este geral contentamento he mais certo annuncio da Victoria, em que este Reino ha de ficar contra Castella. —

4.ª feira 5, de Dezembro

Chegou hum Correio d'ElRey Nosso Senhor ás nove horas da manhãa com Cartas de Villa Viçoza, em que Sua Mag.de se firmava ja Rey, em que agradecia o que tinhão feito, e promettia vir mesmo em breve, e que então agradeceria mais de vagar, com que todos se alentarão muito, e comessárão a tratar da limpeza, e armação dos Paços e logo despachárão outro Correio a Sua Mag.de em q lhe perguntavão, que modo avião de ter no seu recebimento, e em que forma se havia de fazer, e porque parte, e nestas e em outras couzas estiverão no Conselho até ás 10, da noute, donde se forão para suas cazas. —

5.ª f.ª

5.ª feira 6 de Dezembro

Muito de madrugada chegou hum Correio ao Secretario d'Estado Francisco de Lucena com aviso que Sua Mag.de havia chegado depois da meia noute a Aldea Galega pela posta, e que logo havia de fazer a entrada; chamarão-se em continente os Conselheiros, e Governadores, que estiverão tratando da entrada. As 7 horas da manhãa chegarão a caza do S.r Conde de Castanheira hums Apostolas, que áquella hora chegavão de Madrid, e trazião cartas do mesmo Conde de Castro, e Dom Alvaro de Mayde, que já hiáõ caminhãde por Castilla, onde com os mais Fidalgos Portuguezes estavão hoje muito enfadados de se verem lá.

Como o Conde da Castanheira estava muito doente do seu accidente da Orinha, havia nove dias em cama; tanto que soube que ElRey estava da banda dálem, mandou o D.or Bento da Costa que da sua parte fosse dizer aos Senhores Governadores que ainda que a enfermidade o tinha tão impos-

impossibilitado naquella cama, tanto que elle sou-
bera que Sua Mag.de estava na banda dálem, se te-
nha animado para passar lá, e fazer tudo o mais
que se lhe ordenasse, ainda que fosse atropelando
a saude: mandarão-lhe dizer, Sua S.ria se deixasse
estar, que não havia para que passar á outra ban-
da, que elles lhe mandarião recado, como ElRey
viesse, e fosse tempo, ao Visconde, ao Porteiro Mór
disserão ao D.or Bento da Costa. Peça V.M. ao
Snr. Conde, que acabe de ter saude, e que nos venha
aqui animar a todos, e authorizar este Conselho
com Sua prezença, que nos he cá muito necessa-
rio.

Neste ponto chegou avizo, que já ElRey ti-
nha entrado em Palacio, e foi que não quiz S. Mag.de
aguardar por aprestos, e metendo se na outra banda
em huma falua com o Marquez de Ferreira, e o Con-
de do Vimioso, e outros Fidalgos chegou defronte
da Ribeira ás 10 horas de dia, e mandando recado
que lhe abrissem a porta do forte desembarcou na
ponta da Caza da India com hum chapeo de Sol,

as-

as abas meias voltadas acima da chuva, e hum ves-
tido de pano de mescla, como os de Passegueiro, gros-
seiro, como de monte, e botas e esporas, porque assi ha-
via corrido a posta o dia e noute dantes. E incontinen-
te acudirão ao Paço quantos Fidalgos havião, e ao
Terreiro do Paço todo o Povo com grossas vozes, que fun-
dião os ares, dizendo = Viva El Rey Dom João IV. =

O Conde da Castanheira se metteo logo em hũa
Cadeira vestido de gala, com hum colar ao pescoço e foi
ao Paço dos primeiros para onde grande quantidade
de Fidalgos o foi acompanhando até chegar a El Rey, q
estava à tem da Sala grande, aque chamão a gale,
em outra péça, aque chamão a camara onde S. Mag.
dorme, que fica sobre os almazens, que estão adiante
do patio da Capella. Junto a El Rey estava o Con-
de da Atouguia. O Conde mesmo de Sinagusião, e
outros Fidalgos, e Thome de Souza junto a El Rey, di-
zendo-lhe quem erão os Fidalgos. Quando chegou
o Conde da Castanheira, que he por cima partes Sio
de S. Mag, todos os Fidalgos se apartarão com gran-
de respeito, e elle chegou a El Rey, e hum pouco incli-

inclinado, mas não de joelhos lhe fez sua pratica, e os Fidalgos carregarão todos muito metendo as cabeças para ouvirem o que dizia o Conde da Castanheira pelo conhecimento, que tem de seu grande entendimento. ElRey sahe rio muito, e duas vezes se lhe levantou e fez muita festa, e o mandou cubrir.

Todos os Fidalgos lhe forão beijando a Mão, e ElRey muito alegre e contente. Estando nisto era tanta a gretta do Povo na rua, pedindo que lhe mostrassem a ElRey, que os Fidalgos o fizerão chegar a janella, e o mesmo foi chegar, que fundir-se o ár com altaridos = Viva, Viva ElRey Dom Joao IV.

Entrando para dentro pedio hum pucaro de agoa; e que desde o outro dia não havia comido nem bebido couza alguma, e toda a noute não dormio, nem se despio, e não havendo ordem ali de agoa, nem pucaro, bebeo por huma quantarilha da Maia. Sahio o Marquez de Ferreira de dentro, e o Dor Bento da Costa se chegou a elle, e lhe disse, que ali estava o Sr. Conde da Castanheira, veio o Marquez a elle com grandes abraços, e se=

e se fizerão hum ao outro muitas festas. Vio-se en-
tão o Conde da Castanheira; porque lhe tornou a dar
o accidente, e apertarão-no as dores, e sairão grande
quantidade de Fidalgos acompanhando-o todos
a sua Caza. No caminho topou seu Sobri-
nho, o Marque de Caminha, que hia muito galante
beijar a Mão a Sua Mag.

Sendo El Rey pelo Rio se levantou o inter-
dito em toda a Cidade, e começárão os sinos a fundir-
se com repiques tão vivos, que se rompião os ares, o
alvoroço, e alegria de todos foi tanta a pr de serem
sem interdito, como com Rey Portuguez; que bro-
tava em todos pelos olhos e contentamento, e pelas
bocas aclamar, aplaudindo o seu Rey.

6.ª feira 7 de Dezembro.

Determinou-se em Conselho de Estado que
se mandasse hum Embaixador a Castella.

Sua Mag.de dictou, huma Carta para o Embai-
xador levar, toda de seu juizo, e discurso, sem nella
em-

entrevir huma só palavra de nenhum Conselheiro, escreveo-a ao Secretario d'Estado Francisco de Lucena. Cuja sustancia he a seguinte.—

„Portugal em commum consentimento deste Rei-
„no, estou aclamado por todos Rey delle, sessenta an-
„nos ha que essa Corôa me traz uzurpado, como seu
„Avô, e Pay de V. Mag.e sabiam muito bem; porq̃
„nem por direito, em que succedi de Meus Avós.
„Se V. Mag.e quizer fazer pazes comigo, estou
„prestes para as aceitar, quando não dezafio a
„V. Mag.e para campanha raza donde o espero de-
„dia, e de noute com as Armas vestidas até vencer,
„ou morrer.„ — Esta vem a ser a sustancia da Carta.—

Hoje Sabbado 8 de Dezembro, e dia de N. Senhora da Conceição, Foi Sua Mag.e á tribuna da Capella acompanhando-o por dentro toda a Fidalguia; Prégou Fr. João de S. Bernardino, Franciscano, e dice maravilhas.—

N. B. Copiado de hum original não impresso nem authentico

Notificação

Filippe do Titulo de Santa Maria dos Anjos da S. R. I. Cardeal Presbitero Caissi, e Secretario d'Estado de N. S. Pio VII.

Não tendo podido a Santidade de N. S. Papa Pio VII condescender com tudo, quanto se lhe pedio por parte do Governo Francez, e naquella extensão, que se queria; porque lho vedavão os seus Sagrados deveres, e os dictames da sua consciencia, vê o dever succumbir á quellas desastrosas consequencias, que lhe tinhão sido declaradas da Occupação Militar da Capital, onde residi, caso não condescendesse de todo com o que se lhe pedio: Resignado, como elle está, na humildade do seu coração com os imperscrutaveis Juizos do Altissimo, põe nas mãos de Deos a sua Cauza, e não querendo por outra parte faltar ás essenciaes obrigações, que tem, de garantir os Direitos da sua So-

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Soberania, nos mandou protestar, como elle sum-
mamente protesta, em seu Nome, e dos seus Suc-
cessores contra toda e qualquer occupação dos seus
Dominios, sendo da sua intenção, que fiquem
agora daqui por diante illezos, e intactos os Direi-
tos da Santa Sé sobre os mesmos. Vigario na ter-
ra daquelle Deos de páz, que ensinou com o seu
Divino exemplo a mansidão, e paciencia, não
duvida que os seus amantissimos Subditos, de
quem recebeo sempre provas de obediencia, e de
amor, farão todo o estudo em conservar o socego,
e a tranquilidade de hum particular como publica,
o que Sua Santidade exhorta e ordena expressa-
mente; e bem longe de fazerem alguma affronta
e offensa, respeitarão todo o individuo da Nação
Franceza, da qual na sua viagem e estada
em Pariz, recebeo tantos testemunhos de devoção,
e de affecto. Dada no Palácio Quirinal no
dia 2 de Fevereiro de 1808. — Cardeal Casoni.

Falla, que fez o Juiz do Povo perante o Congresso junto.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Senhores. A causa porque nos ajuntamos nesta Assemblea, he para afim de tractar o negocio mais importante da nossa Nação. Este negocio que he, de pedir hum Rey, ou huma Suprema Auctoridade que nos governe: pede, antes que volemos, a nossa séria reflexão sobre os seguintes pontos, huma vez que as nossas deliberações podem prejudicar Direitos adquiridos de partes auzentes, e não ouvidas, podem prejudicar a nossa posteridade, e offender a Religião dos nossos Juramentos ainda não dissolutos, e tentar a Deos Supremo, o Arbitro do Universo, fonte das legitimas Auctoridades, que regem o genero humano.

1.º Ponto. Se este Reino está vago: e se recahio na Nação o Direito de eleger Rei, ou de o pedir.

2.º

2º Ponto. Se nesta Assemblea reside Autoridade, segundo a nossa Constituição, de uzar deste Direito: Se os nossos juramentos de fidelidade, e homenagem estão dissolutos: Se agradará a Deos a nossa tentativa.

Estes Pontos preliminares devem ser discutidos, para que nos Seculos futuros se não note o ter mos procedido em negocio tão importante com ligeireza, e falta de reflexão. Longe de nós o terror panico, e a torpe adulação, que não devem influir em hum acto serio, e deliberativo: deve ser regido pela razão, e não por apprehensões impropria de homem racional e politico. O Grande Imperador, tendo nos declarado que neste Reino não houve da sua parte conquista, mas sim huma piedosa protecção, nos dá liberdade para deliberar mos com justiça, e honra; nem de outra maneira nos deveria mos congregar para huma deliberação séria, e de tanto peso. Se com effeito temos Direito de eleger Governo, deve a nossa eleição ser li-

livre; e para o pedir, devemos saber se estamos nessas circunstancias, e a quem devemos pedir, e por que modo. Sobre todos estes Pontos capitaes he o meu sentimento, o que passo a expor, tomando por guia a verdade e justiça.

Este Reino não está vago de Direito, mas sim de facto: a Rainha, a quem juramos fidelidade, obediencia, existe, e igualmente existe o nosso Juramento; a impedimento natural da mentecaptura não lhe tirou o Dominio do Reino; e este em qualquer parte, a onde ella existe, o conserva; porque não obrou facto voluntario ou criminoso, que delle a privasse; e por sua morte ha de passar o Reino, que de sua natureza he hereditario, a quem o confere o Direito do sangue, e da Successão legitima. Seja muito embora privado do Direito de succeder o Principe D. João, se se poder julgar que a sua retirada foi culpavel; mas o Neto mais velho da Rainha, por menor ou innocente, não pode ser privado do Direito ad-

adquirido á Successão, segundo a nossa Ley Constitucional. A Nação nas circunstancias, em que o Reino se acha; e tenho ponderado, teria o Direito de eleger a Regencia, que he o que na realidade se pode julgar vaga; e a faculdade de uzar deste Direito he o que devemos pedir ao nosso benigno Protector com a devida submissão. Se o Juramento de fidelidade se não pode reputar hum ente imaginario, deve religiosamente respeitar-se; e não he do caracter da Nação o ser inconstante, infiel, e perjura.

O Grande Imperador estranharia a nossa inconstancia, e a facilidade de menos prezar o Juramento, que he hum vinculo de Religião, o qual une os Vassallos com o Throno, e he da firmeza deste hum Sagrado apoio. Sintarisa-mos a Deos, que rege o Universo, e com a Sua Divina Providencia move as causas segundas para obrarem a beneficio do genero humano, segundo os Seus altos designios. Se pensasse-mos que na actual crise das cauzas poderia-mos, des-

dislegados da sua graça, a acertar na nossa deliberação, o bem da nossa felicidade, e maiormente se offendesse mais a Justiça, e a Religião, tomando o atrevimento de decidir sem escrupulo sobre a sorte de huma Nação inteira, e não ouvida, e sobre Direitos certos, e não contradictos; o Grande Napoleão, considerado como enviado de Deos Todo Poderoso, para cumprir as suas Divinas Ordens acerca do destino das Nações, ha de providenciar com todo o bom discernimento e justiça, segundo a vontade do mesmo Todo Poderoso, as nossas necessidades: a elle nos sujeitamos como estes passivos com a devida dignidade, e humildade; elle he justo, he benevolo, e he em fim hum homem mandado por Deos, para fazer o bem, e cumprir os Decretos da Divina Providencia. Portanto devemos confiar dos seus attributos, que elle piedosamente para a nossa disgraçada situação, tendo em vista a nossa resignação, e reverente respeito, com que nos temos sugeitado ao seu alto, e poderoso Imperio, e aos seus justos e provi-

e providentes Decretos.

Nada temos que lhe pedir, nem de que tractar sobre o nosso assumpto, não devendo mostrar-nos ignorantes do que pedimos: elle, melhor do que nós, sabe o de que necessitamos: acceitaremos o que nos der, e se poder-mos conseguir da sua Real beneficencia, (movida por si mesma) a faculdade de eleger-mos huma Regencia Portugueza, e interina, com o uso das nossas Leis, e costumes, de baixo dos seus auspicios, não teremos mais que desejar.

O Papel, que se diz, fôra dirigido a Napoleão o Grande, Imperador dos Francezes, e Rey d'Italia, feito por João Antonio Salter de Mendança, Desembargador do Paço, Procurador da Corôa, e hum dos seis Governadores, nomeados para o Governo, e Regencia destes Reinos.

Os Direitos da Propriedade, e Pessoais forão sagrados e respeitados, desde que em o Universo entrou a conhecer se o que era meu e teu: da franca posição destes Direitos ninguem deve ser privado, sem ser convencido; tanto assim que da mesma, e uso das Propriedades, e mais Direitos não pode ser tirado a ainda o possuidor injusto, sem o mesmo convencimento.

Em todas as Nações civilizadas se observa e guarda este dever: ellas, bem como a nossa, não tem outras Leis, nem outras normas, por onde os Vassallos conduzão suas acções.

Tirar cada hum da posse das suas cou-

cousas, incommoda-lo, e perturba-lo na fruição dos seus Direitos, he fazer violencia, e he faltar á Ley.

Entrar em hum Reino alheio, espoliar o Senhor delle contra sua vontade, e da Nação, he obrar contra a Ley, em quanto se não mostrar causa justa.

Em estado de guerra he permittido diminuir as forças do inimigo, e faze-lo menos poderozo, mas a hum Principe virtuozo, como o de Portugal, que não offende a Nação alguma, que compra a paz de seus Vassallos, por tantas e tão repetidas vezes, que se contém nos limites de hum Reino, que lhe deixárão seus Predecessores, e que possue em boa fé; porque razão, por que Ley ha de ser invadido o mesmo, e ha de ver sem raivar dictar lhe nelle as Leys huma Nação a quem sempre respeitou, a quem nunca fez guerra, e a quem ama tanto, que até na sua precipitada sahida deste Reino, recommenda com todas as veras, que se tratem benigna e religiosamente os Vassallos daquella Nação.

Por ventura será de pequena entidade deixar hum Pay seus filhos, e hum Principe seus

Vas-

Vassallos, apartando-se dos lares paternaes, e ir com risco de vida ver novos climas, entregue á furia, e descripção de longos e tormentozos mares? Será digno de ver-se a sangue frio o Reino todo invadido, e juncado de Tropas daquella Nação, e da sua Alliada, não se lhe faltando aos sagrados deveres de huma boa hospitalidade, e ver a nossa, perigrinando de terra em terra, sem caixa militar, sem destino, sem esperança de soccorro Nacional, observando ainda na ausencia daquelle as suas Leys, tendo principalmente em vista a determinação de não haver insulte daquellas Tropas?

Ver tratar em pouca consideração a valorosa Tropa deste Reino, e cavar lhe a sua sepultura, não á força d'Armas, mas buscando-se os vergonhozos meios de a diminuir, e desanimar? Quanto não são incomprehensiveis os teus altos, e temiveis Juizos, ó Deos do Universo, Vingador dos crimes, e Premiador da Virtude!

Ninguem duvida, que o Grande Napoleão tem sido hum Homem de prodigio, o Homem ma-

maior, que tem tido os Seculos, e hão de ter os vindouros; que tem dado provas de Guerreiro, de Politico, de Filosofo, de Magnanimo, e Generoso: para convencer o Mundo disto, sirva-nos de guia a grande e incomparavel marcha da sua vida, o montão de Victorias que tem obtido, a grande instrucção, que tem dado ao Mundo, os premios, e os castigos, que nelle ha sabiamente repartido.

Mas em nivel de tanta gloria, poderá porventura entrar o facto da invasão de Portugal, hũa Nação sempre sua amiga, sua respeitadora, que nunca jamais deixou de franquear-lhe os seus Thesouros, não só ao som da sua voz Imperial, mas athé a de seus Generaes, e Emissarios, e ainda mesmo dos Generaes da Nação Alliada, que só neste Reino poderia entrar, á sombra do commando do seu Grande Nome?

A hum Conquistador, como o Grande Napoleão, não pode nunca servir-lhe de gloria ganhar hum Reino, sem brandir a espada, e sim que os dias da Campanha se tornem em noites como fu-

com o fumo da irada, e assustadora artilharia.

Ganhar terrenos, e conquistar Povos só á força de missões despedidas pela bôcca dos Generaes, e á força de dous da palavra, isto não pode ser filho do coração do maior Guerreiro, que tem visto o Mundo; e tal acontecer, o que parece impraticavel, he nelle huma queda, que torna o seu Nome muito ordinario.

A Providencia he sempre justa; assim como deo á luz ao Grande Napoleão hum premiador da Virtude, das Artes, das Sciencias, e hum vingador do Crime; tambem delle ha de desviar o horrendo crime de ingrato, e aleivoso para huma Nação, que lhe não merece, se não o exercicio da gratidão, e do premio.

A Palavra de hum Heroe, como Napoleão, e as suas promessas nunca jamais faltarão, e só podem deixar de cumprir-se, quando delle se poderem alienar as brilhantes e virtuo-

e virtuosas qualidades, que sempre o tem acompanhado na soberba, e magestosa carreira da sua vida.

Em todas as Cidades, e Reinos, onde tem prometido entrar, assim o tem feito, e executado, sem que possam estorvar o cumprimento da sua palavra a distancia dos Lugares, nem as numerosas Tropas, q à sua invencivel frente apresentarão todas as Nações da Europa: digão-no a Polonia, a Italia, a Alemanha, a Russia; e contem-no outras muitas Nações, que são fieis testemunhos do infalivel das suas promessas, e do cumprimento dellas.

Se pois temos tantas, e tão decisivas provas da sua constancia, e do seu caracter, e se este nunca visto Heroe promette entrar em Portugal, só a fim de o proteger, e soccorrer da influencia de huã Nação, que elle julga ser o foco das desordens do Mundo, e de extinguir e pôr termo ao nosso Commercio com ella; tendo effectuado esta grande empresa, que devemos esperar, se não que nos proteja, e que nos deixe conservar o honrado e antigo Nome Lusitano, debaixo do Imperio de hum Prin-

Principe, em que elle mesmo tem divisado tantas virtudes?

O Firme da Heroicidade, he a constancia do Heroe, desempenhar a sua palavra, e obrar sempre acções, que não avilthem e desdourem a brilhante da sua marcha.

O Verdadeiro Conquistador tem por vergonha que no Carro dos seus triunfos façaõ carga asprezas e as victorias, que não forão ganhadas á força d'Armas, tendo precedido contestação, e havido resistencia: He mais prudente, e digno de louvor o que, medindo as suas forças com as do inimigo, e conhecendo não poder disputar-lhas, lhe cede a gloria, do que aquelle, que aproveitando-se desta fraqueza, ganha sem resistencia aquillo, que o outro lhe cede, por não ter iguaes forças para defender-se.

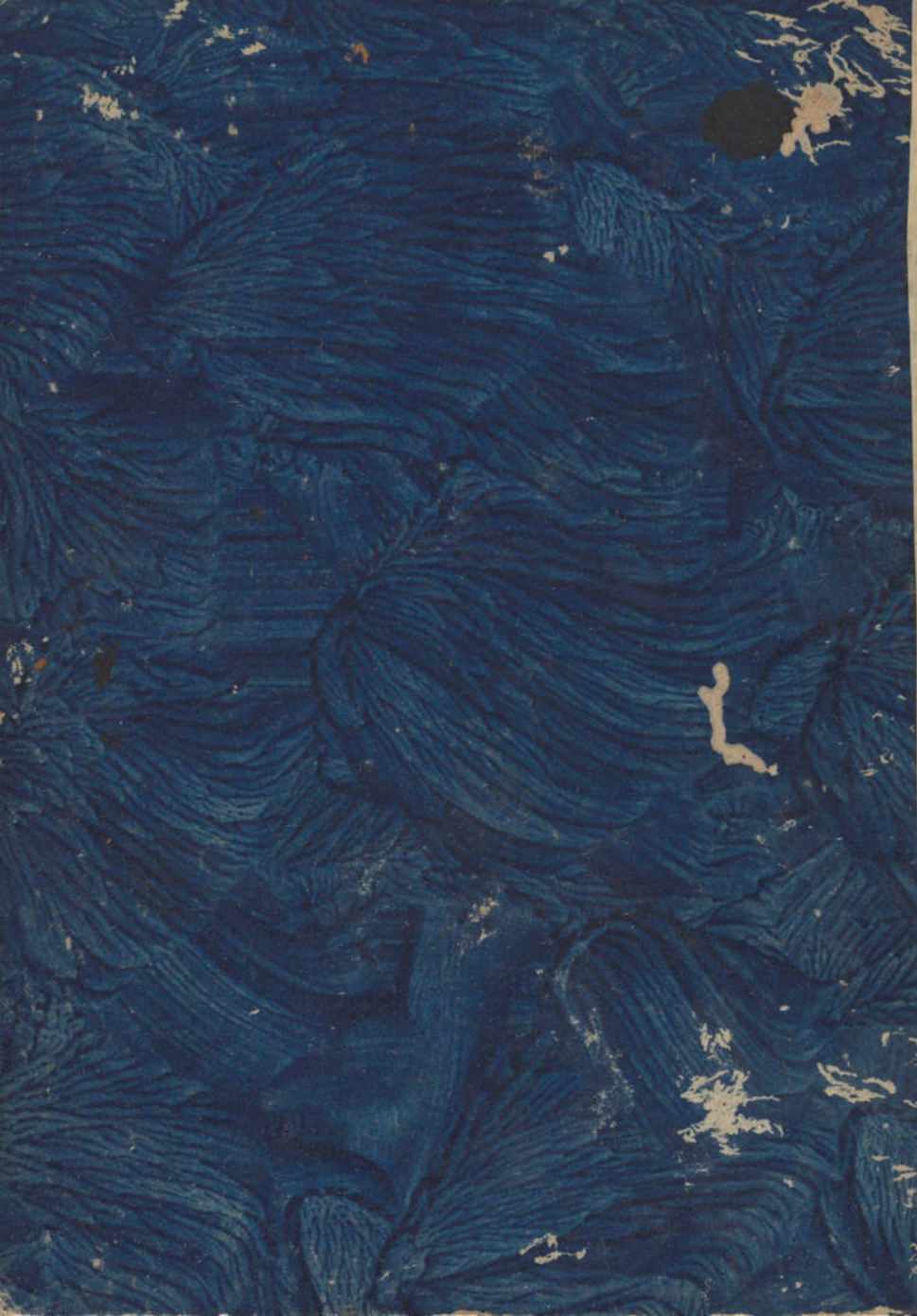
O Grande Napoleão, Imperador da temivel França, e Rey de Italia, o Vingador do Crime e Premiador da Virtude, ja mais poderá querer que ao=

ao pasmoso cúmulo das suas victorias uma a de-
fazer-se Senhor de hum bocado de Mundo, a on-
de não encontrou mais, que hum puro acolhimen-
to para as suas invencivéis Tropas, e a onde ja
mais o seu Grande Nome deixou de ter culto, ve-
neração, e respeito. ——————————

Papel, que se diz fôra feito pelo
mesmo Joaõ Antonio Salter de-
Mendonça

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

A razaõ se dever conduzem respeitozamente
a prezença de V Exª D. Maria Rita de Gouvea Ara-
ujo Lobato, mulher de Bernardo Joze de Souza Lo-
bato, a supplicar a liberdade de seu marido, que se-
acha prezo, na Cadêa do Castello de S. Jorge, e em se-
gredo. A Sagrada, e inviolavel promessa
da protecçaõ, aseguarada por V Exª a todos os Por-
tuguezes, deve verificar-se inteiramente.
O Imperador dos Francezes, o Grande, e in-
comparavel Napoleaõ, naõ he representado por
hum General, que deixe de o imitar nas Virtudes,
como o imita, no Valor. Bernardo Joze de Sou-
za Lobato nunca foi delinquente, a inda que seja
infeliz; a fortuna, que lhe conciliou invejosos, naõ
deixara de lhe excitar inimigos. Elle he fiel ás-
Leis, respeita o Governo, bom marido, e bom Cidadaõ,
he digno de melhor sorte. Roupe V Exª na li-

na liberdade do marido a vida da mulher, e
veja o Mundo que o Grande Junot he digno
Emmissario do Grande Napoleão.

E R M.ce